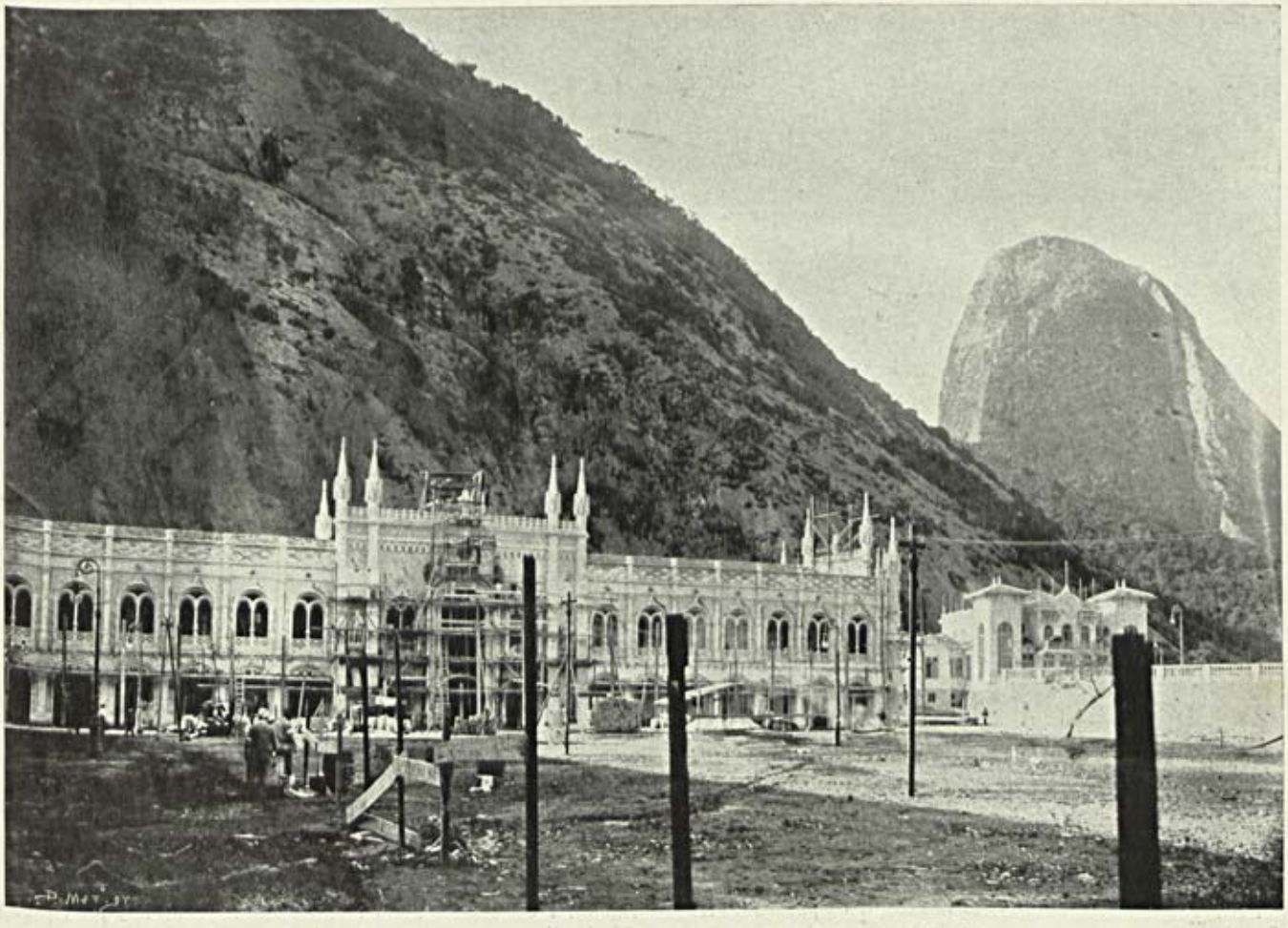
BRASIL-PORTUGAL

1 DE SETEMBRO DE 1908 N.º 231

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjó.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

Exposição Nacional do Brasil no Rio de Janeiro



O pavilhão manuelino mandado edificar pelo governo brasileiro e offerecido a Portugal para exposição dos nossos productos. — A' direita o Pão de Assucar

(*Chichê* de J. A. Brandão — amador).

O RIO DE JANEIRO

E A

Exposição Nacional do Brasil

Brasil, a grande nação moderna, que celebrára ha oito annos o 4.º centenario do seu descobrimento, celebrou ha vinte dias outro centenario, que não é menos glorificativo, porque se o primeiro representa um enorme progresso na esphera scientifica, uma formidavel ampliação na geographia do Globo, o outro é ao mesmo tempo o prolongamento e a sancção d'esse progresso, é no mundo politico e commercial a formidavel consagração d'esse acontecimento historico.

Ha quatro seculos, Pedro Alvares Cabral engastava na corôa portugueza a perola mais vasta e mais bella da America do Sul. Ha cem annos o real representante d'essa monarchia secular abria ao commercio de todo o mundo as portas d'esse Brasil maravilhoso. E hoje, para celebrar o grande acontecimento, o Brasil moderno offerece, na sua incomparavel capital, uma exposição nacional a todos os povos da Terra.

Vejam como na sua marcha e nas suas consequencias são coherentes a Historia e o Destino! Vejam como a obra portentosa dos seculos que desapparecem é robustecida e confirmada pela obra portentosa dos seculos que se succedem. Vejam como na sua marcha civilisadora, sejam quaes forem as phases porque vae passando a vida nacional, os passos do homem se confundem com os passos da nação, e é sempre ascensional a marcha de ambos no caminho por vezes arido e espinhoso da civilisação crescente!

A abertura dos portos maritimos do Brasil ao commercio de todas as nações é solemnisada por uma exposição grandiosa da nação brasileira. Que pretendeu o Brasil, senão confirmar as suas forças, legalisar, n'um certamen nacional, os direitos que conquistou entre as nações progressivas e cultas, exhibir em publico, triumphalmente, perante o mundo inteiro, a força dominante do seu cerebro, o prodigioso vigor do seu braço! E conseguiu-o de uma fórma absoluta, incontestada, brilhantissima. E para tornar ainda mais grandiosa e eloquente a celebração honrou-a com a inauguração de um congresso juridico, como que a indicar intencionalmente, intensivamente, que a todas as conquistas do progresso, a todas as *étapes* da civilisação, deve presidir o espirito do direito.

Isto pelo que toca á Nação que exerce na America do Sul a hegemonia por todos reconhecida, isto pelo que respeita, principalmente, á sua capital formosa, a essa vasta metropole que se chama o Rio de Janeiro, maravilhoso theatro da Exposição, cidade magnifica, cortada de amplas avenidas, recheiada de opulentos edificios, bella como nenhuma outra, porque em nenhuma outra cidade do mundo, as riquezas inauditas da natureza foram mais artisticamente, mais encantadoramente aproveitadas e dispostas pelo trabalho do homem.

Exposição Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro

(*Cliché* do J. A. Brandão — amador). **A grande porta de entrada para a exposição**

Pelo que nos toca a nós portuguezes, não temos senão que agradecer ao Brasil a excepção honrosissima com que elle quiz assignalar o seu querido irmão e amigo, o velho Portugal, dando-lhe na sua Exposição Nacional um logar de honra, como se quizesse mostrar á America e á Europa, que as duas nações irmanadas na historia gloriosa do passado, irmanadas continuarão a marchar para o futuro, cordealmente abraçadas sempre nos mesmos affectos, nos mesmos interesses, nas mesmas aspirações de liberdade, de fraternidade e de progresso.

O *Brasil-Portugal* consagrando estas paginas á Exposição Nacional do Brasil faz os votos mais fervorosos pela prosperidade d'essa nação grande e bem amada.

A DIRECÇÃO.

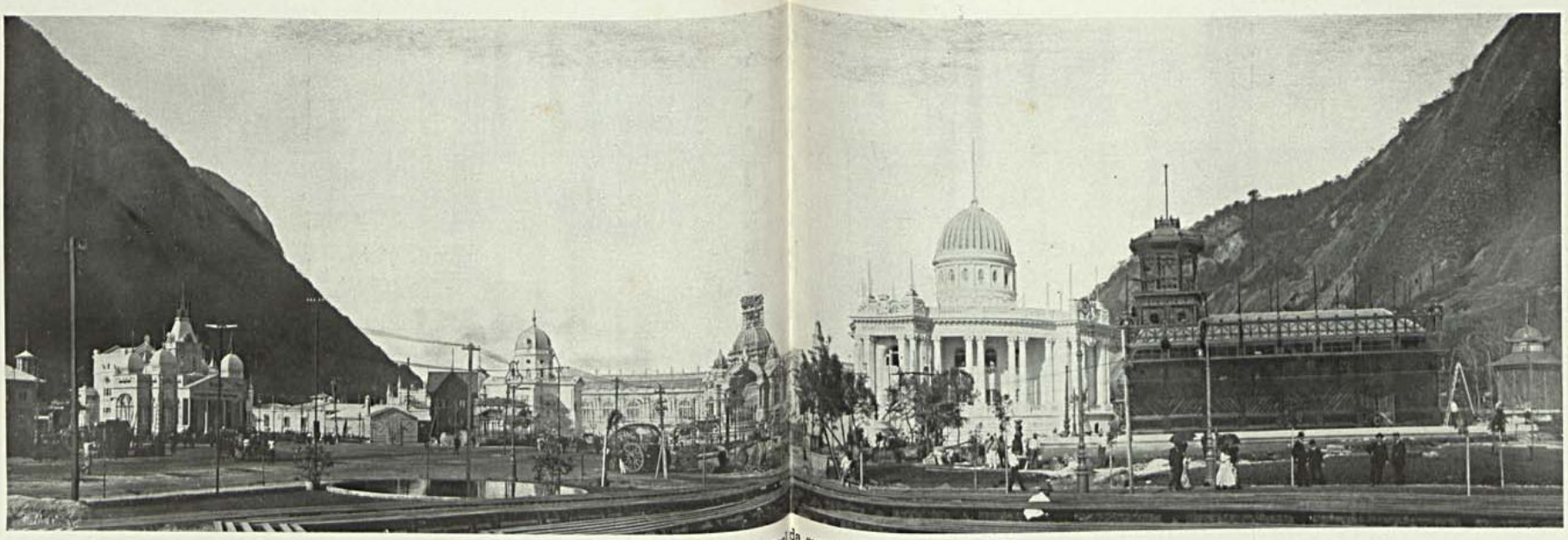
Exposição Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro

O annexo de Portugal (exposição de bellas-artes). — Ao fundo, á direita, o pavilhão manuelino

Exposição Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro. — *O pavilhão do Districto Federal*

(*Clichés* de J. A. Brandão — amador).

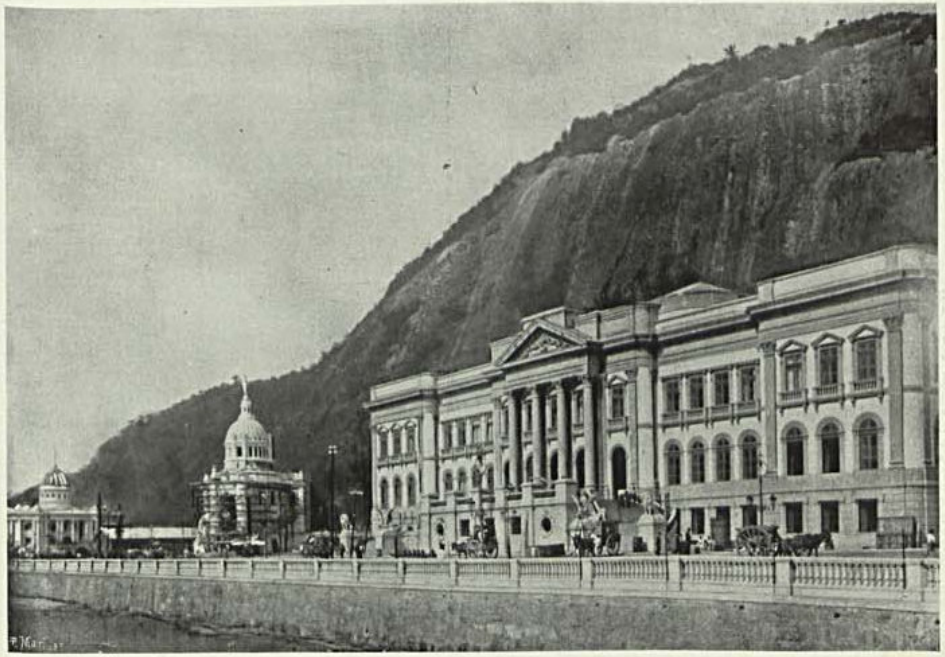
Exposição Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro



Aspecto geral da exposição

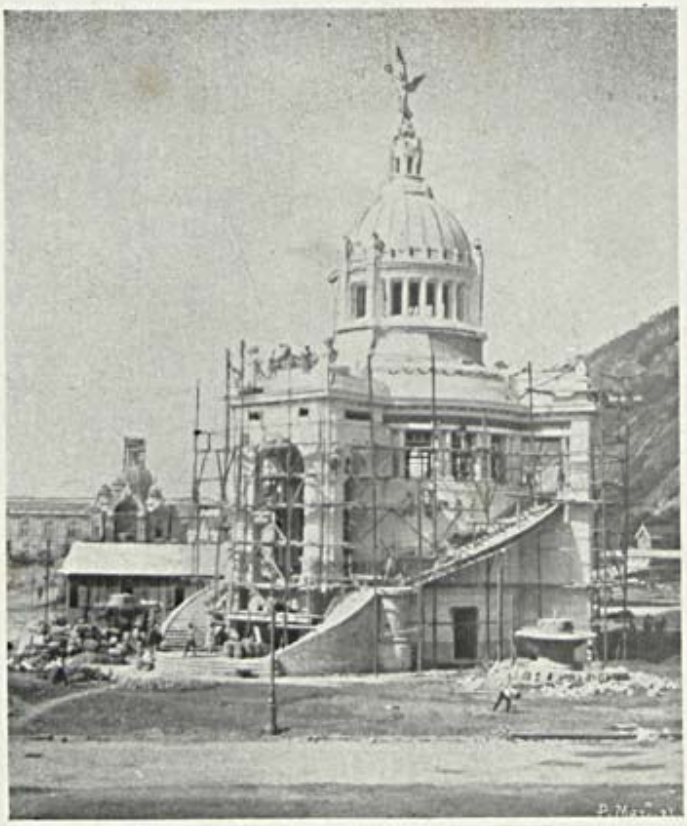
(Clichés de J. A. Brandão — amador — Rio de Janeiro).

Palacio das industrias brasileiras



Palacio da Exposição. — Ao fundo o Pavilhão da Bahia

Exposição Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro
Pavilhão de Minas Geraes



Exposição Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro
Pavilhão da Bahia

A nossa melhor obra

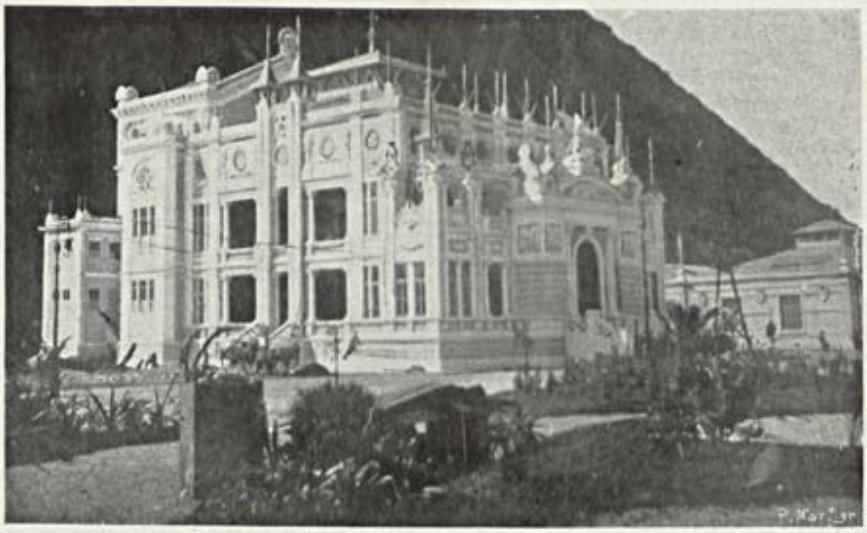
Acontece com as nações o mesmo que se dá com os individuos — quando teem passado o zenith da vida e se inclinam para repousar, depois de uma existencia de trabalho fecundo, revêem se nos que lhe herdaram o sangue e lhe hão-de continuar a historia, parecendo então que nos proprios filhos lhes renascem os annos da primeira mocidade. Os individuos morrem. Os povos por vezes adormecem n'uma decadencia mais ou menos prolongada. Uns e outros, porém, sentem-se sobreviver nos descendentes que, embora tenham chegado á independente maioridade, nem por isso deixam de ser membros da mesma familia, idealmente agrupados em torno do mesmo berço, onde se conserva o thesouro commum das recordações que uns e outros juntos em tempos idos viveram.

E foi sempre assim com os homens e com os imperios. Parece até que n'esta mystica continuidade da vida atravez das edades — que para os individuos são annos e seculos para as nações — a morte se elimina e o rejuvenescimento perpetuo passa a ser a lei suprema da existencia individual e collectiva. Carthago separou-se de Tyro para constituir nas praias africanas um estado independente. Um dia, comtudo, a republica dos *suffetas* é atacada pela poderosa rival do outro lado do Mediterraneo, e então calam-se velhos odios, esquecem-se antigos aggravos, desvanecem-se os motivos que tinham occasionado o divorcio e, n'uma fraternidade tanto mais commovedora quanto sómente se revela na hora extrema do perigo, combatem juntos os soldados da que fôra a metropole asiatica com os defensores da colonia fundada por Dido. Na Grecia sempre se conservou vivo e intenso o amor entre a mãe patria e as colonias, que aliás gozavam de uma antonomia sem restricções, porque os hellenos consideravam como o mais intimo laço de união, que póde ligar entre si os povos, não o facto material da connexão politica, que por vezes coexiste com irreconciliaveis antinomias, mas a communidade de origem e de cultura, que se traduz na identidade do trabalho historico. Havia, não ha duvida, uma Athenas, uma Sparta, uma Syracusa, uma Myleto, profundamente ciosas cada qual da sua independencia. Mas perante o estrangeiro, que não falava a dôce lingua de Homero e de Sophocles, constituiam todas ellas uma unica *nação* — a Hellada gloriosa, berço da mais bella e harmonica civilisação que tem brilhado sobre a terra.

***

Nos tempos modernos ha tres grandes exemplos de solidariedade moral entre as que foram antigas colonias e as respectivas metropoles — a Inglaterra com os Estados-Unidos, a Hespanha com a America latina, Portugal com o Brasil. Em qualquer d'estes agrupamentos ethnicos e linguisticos se reproduz o caso da velha Grecia com as suas colonias da Asia Menor e da Italia. A Grã-Bretanha e a republica norte-americana, apesar de serem duas soberanias politicas distinctas, constituem o *english-speaking world*, "o mundo que fala inglez„, unidade bem caracterisada em frente dos outros grupos nacionaes, e onde se confundem como a expressão suprêma da mesma civilisação os nomes de Shakespeare e Longfellow, de Franklin e de Bacon, de Prescott e de Macauley.

A homogeneidade de cultura entre a Hespanha e as republicas americanas é a consequencia da identidade de origem, que graças á filiação historica d'aquella parte do novo mundo, fez das terras



Exposição Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro
(Cliché de Serra — amador). *O theatro*

A fiandeira

Quadro de Silva Porto pertencente ao sr. Bastos Dias, photographo no Rio de Janeiro

"onde se fala o hespanhol„ uma unidade á parte, inconfundivel, com uma fisionomia sua, que facilmente as distingue e nitidamente as separa até do tão proximo grupo latino, "onde se fala o portuguez„. Este ultimo grupo, a que nós portuguezes e brasileiros pertencemos, é talvez dos tres o mais compacto, e o que mercê do seu *habitat* mais rapida expansão póde ter n'um proximo futuro. E' o mais compacto, porque não tem como o primeiro tão forte proporção de elementos exoticos (é sabido como a enorme variedade da emigração nos Estados-Unidos vae fazendo perder á grande republica pouco a pouco o seu typo anglo-saxonico), nem tem como o segundo tão grande substracto de elemento indigena (a proporção dos naturaes n'alguns estados da America hespanhola eleva-se a importante percentagem, como por exemplo no Mexico). Por outro lado o grupo portuguez-brasileiro ou lusitano, como por brevidade lhe chamaremos, occupa uma extensão de terras de tal maneira importante e de uma tão grande riqueza e feracidade, que promettem aos que a habitam expansão por assim dizer indefinida. O territorio do Brasil só por si é um mundo, de fantastica exhuberancia e de thesouros sem fim. Grande, quasi como a Europa, póde facilmente alimentar uma população de cem, duzentos ou trezentos milhões de individuos. O territorio portuguez, se na Europa é reduzido, alarga-se tambem nas duas Africas por vastidões immensas, de uma rara fertilidade e com proporções para attrahir e fixar n'alguns sitios numerosa colonisação, que levante ali em pleno seculo XX um novo Brasil, reproduzindo á nossa vista o esforço epico do seculo XVI, quando fundámos o glorioso imperio que se extende do Rio Grande ao Amazonas. Raça relativamente homogenea, territorio gigante e fabulosamente rico, historia esmaltada de feitos heroicos como nenhuma outra, que falta a portuguezes e brasileiros para constituirem o grupo ideal, que se ha-de chamar no futuro a "grande Lusitania„, e que, embora respeitando a absoluta independencia das duas nações, ha-de ser a expressão suprema da missão historica da nacionalidade lusitana em face dos outros grupos ethnicos — germanicos, slavos, e anglo saxões? Se a "Grande Allemanha„ sonhada pelo poeta teutonico, é toda a terra "onde resôa a lingoa allemã„, porque não será tambem a "grande Lusitania„ toda a terra onde se fala a bella lingoa de Camões e de Gonçalves Dias?

***

O Brasil é a nossa melhor obra, a que attestará aos vindouros o que vale a fibra d'este povo, que tão altos feitos realisou no passado e tão grande resistencia tem mostrado no presente contra a fortuna adversa. E' um verdadeiro milagre o que Portugal com os seus minguados recursos e a sua reduzida população poude conseguir nos seculos XV e XVI. Não contentes com o esforço extenuante de ter conquistado o territorio nacional aos arabes em mil combates porfiados, descobrimos a Africa e os segredos do Oceano Austral; fundámos um imperio á custa dos mouros africanos em redor de Ceuta e das outras praças marroquinas; abrimos á Europa o caminho maritimo para o Oriente pondo em contacto dois mundos; creámos na India um poder tão forte e tão dilatado, que poude fazer victoriosamente frente ao Soldão da Turquia, o maior potentado militar do seculo XVI; explorámos até aos mais remotos confins os mares e os archipelagos do Extremo Oriente; fizemos com Fernão de Magalhães a circumnavegação do mundo; e depois de tantos prodigios, que mais parecem do dominio do sonho por terem sido realisados por um povo só, ainda tivemos tempo para fundar do outro lado do Oceano, nas terras descobertas por Pedro Alvares Cabral, que assim roubou a Colombo metade da gloria de ter achado o novo mundo, esta formosissima nação do Brasil, que já hoje é a nossa gloria de colonisadores, e amanhã será o nosso melhor titulo de collaboração na obra ingente da civilisação humana.

Com effeito, tudo quanto constitue a vasta epopeia dos nossos feitos militares e maritimos, se desfez como fumo de ephemera gloriola. Só o Brasil ficou a attestar, cada vez maior e mais progressivo, o que fôramos e o que a humanidade nos deve.

As praças d'Africa perdemol-as, e hoje n'aquellas regiões do continente, que nós fômos os primeiros a devassar, o nome de Portugal é quasi desconhecido e outras nações impõem com a força dos seus canhões uma soberania da ultima hora. A India pertence a outros, e nós que foramos com o grande Affonso d'Albuquerque o poder hegemonico do Oriente, de Malaca a Ormuz, temos hoje no Hindustão apenas o estrictamente necessario com que figurar no cortejo do vencedor, como o paria humilde mas indispensavel para fazer sobresahir a grandeza do dominador actual. Da circumnavegação do globo, já ninguem se lembra, nem mesmo os que d'ella se aproveitaram. De modo que só nos resta perante a justiça da historia o Brasil. Mas este ao menos compensa-nos de todas as perdas e de todas as ingratidões, porque ninguem será capaz de negar que a Portugal deve o mundo a florescentissima nação, em cuja prosperidade nós nos revemos orgulhosos, e de cujo futuro está em grande parte dependente a continuação do nome portuguez.

No momento, pois, em que do outro lado do Atlantico se festeja a celebração centennal da abertura dos portos do Brasil ao commercio estrangeiro, seja-nos licito enviar d'aqui uma saudação calorosa á nação irmã, que com a nossa querida patria já hoje constitue a "grande Lusitania„, que em breve occupará no quadro da civilisação o logar que lhe pertence e que é a justa recompensa ao esforço do seu passado!...

CONSIGLIERI PEDROSO.

Dr. Trindade Coelho

† 9 de agosto de 1908

Como podia deixar de produzir a mais dolorosa e ao mesmo tempo extranha impressão o suicidio tragico de Trindade Coelho! Elle era uma figura em evidencia nas letras e no fóro. Era na alta jurisprudencia um dos mestres autorisados, e era um educador do espirito moderno. Não querendo nunca filiar-se em politica alguma servia com todo o talento de que a natureza o dotára, na posse de um coração altruista e de um caracter integro, aquella que considerava acima de todas, porque todo o ideal levantado que nas outras existe, se conglobava n'ella: a politica nacional. Tinha uma familia que o venerava, tinha um filho que estremecia e que fôra fadado para lhe perpetuar o nome, não attingira ainda a edade em que todas as illusões desapparecem para dar logar exclusivo á serena esperança no repouso eterno, dos poderes officiaes tinha uma promessa de que não podia duvidar e que era a consagração da sua integridade moral. Se a reunião de todos estes elementos não constitue a felicidade relativa, não são elles tão pouco, não podem ser nunca, uma origem directa da resolução tresvairada que põe termo com a bala de um revolver a uma vida, que no seu passado é já um exemplo, e no seu futuro é ainda uma esperança.

N'estas condições excepcionaes como não havia de ser extranha e dolorosa a impressão causada pelo suicidio de Trindade Coelho!

Visita de El-Rei ao quartel do Regimento de Infantaria n.º 2

(*Cliché* de Benoliel).

O Senhor D. Manuel e os officiaes do regimento

Banquete offerecido pelo ministro da America ao bispo de Olinda, em 13 de agosto de 1908

Sentados, da esquerda para a direita: *Mgr. Tonti, Nuncio Apostolico — Bispo de Olinda (Pernambuco)*
De pé: *Conego Casimiro — Mr. George Lorillard, secretario da legação da America, Mr. La Serre — Mr. Platon Oustinoff, ministro da Austria-Hungria — Mr. Oustinoff, consul geral da Russia, Madame Oustinoff — Mr. Aymé, consul geral da America — Condessa de Howenwart Cabral Mascarenhas — Mademoiselle Montalvo — Condessa Macurigis — Ministro da America — Mr. Zelenoy, encarregado de negocios da Russia — Madame Alfredo Kendall — Mr. Robert Lee de Podestad — Mademoiselle Mercedes de Montalvo Ministro do Brasil — Conego Silva — Mr. Belford Ramos — Mgr. Aloisi-Massella e Alfredo Kendall*

Embarque de D. João VI e da familia real portugueza para o Brasil aos 27 de novembro de 1807

Centenario da guerra Peninsular

Commemoração da batalha do Vimeiro

Passou no dia 21 de agosto o primeiro centenario do feito de armas que a historia regista com o nome de batalha do Vimeiro e cuja importancia ninguem pode pôr em duvida por isso que deu em resultado a rapida evacuação do territorio portuguez pelas tropas francezas do commando de Junot.

Dois feitos d'armas apenas, o da Roliça e dias depois o do Vimeiro, bastaram para destruir a lenda de invenciveis que as tropas napoleonicas tinham conquistado nos campos de batalha de toda a Europa combatendo com as mais aguerridas nações. E' certo que, nos dois encontros, as forças portuguezas formavam apenas um pequeno contingente. No Vimeiro eramos unicamente 2:600 homens ao passo que os inglezes ali combateram em numero muitas vezes superior. Tal facto, porém, não diminue de forma alguma a gloria de Portugal, porque nunca a batalha do Vimeiro se teria dado se o patriotismo portuguez não levantasse a nação contra o invasor, se o levantamento popular não permittisse aos inglezes o seu desembarque em Lavos e se estes, segundo a popular expressão, não tivessem as costas quentes no exercito de Bernardim Freire de Andrada que andava proximo e que, comquanto mal armado, constituia já uma força bastante respeitavel para ser temida pelos francezes.

•

Dignou-se El-Rei, como era de esperar, assistir á inauguração do monumento commemorativo do glorioso feito d'armas. Teve assim ensejo de ver a sympathia e o enthusiasmo que a sua presença desperta entre aquelles que mais pensam no trabalho do que nas pequenas miserias de uma politica mesquinha e praticou um dever que de certo constituiu uma alegria para a sua alma de portuguez.

Vendo aquelles campos, o joven monarcha teve certamente a visão do que foi essa batalha onde frente a frente se encontraram a cubiça napoleonica, o orgulho nacional e o sangue frio britannico. E vendo aquelle povo, homens e senhoras, que com tanto delirio o acclamou, o rei de Portugal de certo pensou tambem que a velha alma portugueza é sempre a mesma, sempre dedicada á paz mas nunca hesitando perante os sacrificios da guerra, quando a guerra representa, como ha um seculo, a defeza da patria humilhada e das mais queridas e santas tradições profanadas. Hoje, como então, Portugal não recuaria deante dos maiores sacrificios para se defender fosse contra quem fosse que tentasse assaltar a sua dignidade de nação livre e independente.

Foi talvez pensando assim que El-Rei, no seu discurso, disse:

«e julgareis qual é mais excellente,
se ser do mundo rei se de tal gente!»

Noticia historica ácerca do combate da Roliça e da batalha do Vimeiro

No dia 12 de agosto de 1808 uma parte das tropas portuguezas effectuava a sua junção, na cidade de Leiria, com o exercito inglez que dias antes tinha acabado de desembarcar na praia de Lavos.

Combinadas entre Bernardim Freire de Andrada e Wellesley varias disposições e fornecido pelo general inglez algum armamento para as tropas portuguezas, assentou-se em que todas as forças reunidas deviam marchar immediatamente sobre Lisboa. Este plano não foi executado porque Loison ameaçava novamente invadir as provincias do norte e Delaborde andava manobrando de forma a facilitar a marcha do primeiro sobre Coimbra.

Para impedir o plano dos francezes o general Bernardim permaneceu em Leiria, vigiando o inimigo, e Wellesley com 13:000 inglezes, 1:400 soldados portuguezes dos regimentos de infantaria n.os 12, 21 e 24 e caçadores n.º 6, algumas peças de artilharia n.º 4 e 260 cavalleiros da guarda real de policia e dos regimentos n.os 6, 11 e 12 sahiu d'aquella cidade no dia 14 e dirigiu-se para Alcobaça, onde desde 8 estavam os generaes Delaborde, Thomiers e Brenier.

Retogradando os francezes, Wellesley occupou no dia 16 a Na-

zareth ao passo que Delaborde, esperando soccorros, ia guarnecer as alturas da Roliça e Columbeira com 5:500 soldados de infantaria, 500 de cavallaria e 5 boccas de fogo, forças que apoiavam a sua direita nas collinas e a esquerda n'uma elevação onde havia um moinho.

Resolveu o general inglez atacar o inimigo no dia seguinte de manhã e, presumindo que Loison tentava unir-se pela direita ao exercito de Delaborde, dividiu as suas tropas em tres columnas. A da direita composta de 1200 soldados de infantaria portugueza e 50 cavalleiros tambem portuguezes teve o encargo de rodear o flanco esquerdo dos francezes. A columna esquerda, encarregada de ganhar as alturas de Obidos, flanquear os postos que o inimigo tinha no valle e vigiar ao mesmo tempo os movimentos de Loison, era composta de 2 brigadas de infantaria ingleza, 3 companhias de caçadores, uma brigada de artilharia ligeira e 40 cavalleiros portuguezes e inglezes. Finalmente a columna do centro, composta de tropa ingleza mas entrando tambem n'ella 400 caçadores e alguns cavalleiros portuguezes, foi encarregada de atacar pela frente as posições do inimigo.

A's sete horas da manhã de 17 as columnas pozeram-se em marcha e, atacando valentemente os postos francezes, d'elles se foram apoderando successivamente, depois de vencida a dura resistencia do inimigo, que finalmente se viu obrigado a abandonar as posições da Roliça, Columbeira e Zambujeiro dos Carros, retirando pela estrada de Torres Vedras em procura do apoio de Junot.

Com effeito, no dia 18 de agosto, o duque de Abrantes que em Lisboa tinha deixado uma pequena guarnição de 3:500 homens sob o commando de Travot, reunia-se em Torres Vedras com Delaborde e Loison.

Entretanto Wellesley, sabendo da approximação de alguns navios inglezes que traziam a bordo as brigadas *Anstruther* e *Ackland*, fez uma conversão para a Lourinhã, dirigindo-se depois para o Vimeiro, onde se estabeleceu no dia 20, já então com o seu exercito reforçado. No mesmo dia Bernardim Freire de Andrada, que havia sahido de Leiria depois de ter desaffrontado de inimigos o flanco esquerdo, chegava a Obidos e ahi fazia alto de combinação com o general britannico.

Julgava Wellesley que os francezes retirariam sobre Lisboa e pensava já em perseguil-os pela estrada de Mafra quando soube que, muito ao contrario, Junot se preparava para lhe offerecer batalha, chegando a sua audacia até ao ponto de mandar illuminar a villa de Torres Vedras na noite de 20, festejando assim antecipadamente a victoria.

O general inglez tratou então de se preparar dispondo as suas forças da seguinte maneira: — algumas brigadas com 8 boccas de fogo foram estabelecidas n'uma elevação á rectaguarda e a nordeste do Vimeiro, a brigada *Hill* collocou-se á direita e a de *Ferguson* á esquerda e, emquanto outras tropas tomavam posições dominantes

Centenario da guerra Peninsular

O monumento commemorativo da batalha do Vimeiro

(Cliché de Benoliel).

do campo, a cavallaria e artilharia da reserva tomavam posições no valle. Cerca das oito horas da manhã de 22 appareciam os francezes coroando as alturas por onde passa o caminho da Lourinhã, manifestando querer atacar pela esquerda o exercito alliado.

Wellesley ordenou então uma mudança de frente para occupar aquellas ultimas, enviando para lá 4 brigadas de infantaria com 6 boccas de fogo. *(Ferguson Nightingale, Bowes, Ackland)*, e uma outra brigada *(Crawfurd)*, bem como a brigada de infantaria portugueza (2:000 homens) ás ordens do tenente coronel *Trant*, para *Ribamar* na retaguarda das mesmas alturas.

Para a defesa da collina que cobre a povoação do *Vimeiro* pelos lados de leste e sul foram destinadas duas brigadas de infantaria *(Fane* e *Anstruther)* com seis peças de artilharia, a cavallaria ingleza (240 cavallos), o contingente de cavallaria portugueza (290 cavallos) e bem assim a reserva da artilharia a que se juntaram os artilheiros portuguezes (210 homens).

Entretanto Junot, mandou atacar a collina do *Vimeiro* por duas columnas de infantaria apoiadas por sete peças de artilharia. Estas columnas avançaram respectivamente, uma *(Charlot)* sobre a frente, outra *(Thomières)* sobre a direita das forças inglezas que a occupavam, convenientemente dispostas para o combate, estando quatro batalhões em primeira linha no alto da collina precedidos de atiradores no sopé das encostas e em reserva, bem abrigados, tres batalhões, alguma cavallaria e artilharia.

Segundo a tactica usada n'aquelle tempo, os defensores da collina deixaram approximar os atacantes até ficarem a bom alcance dos seus tiros; chegado esse momento, receberam-os com descargas quasi á queima-roupa, e avançaram intrepidamente sobre elles á baioneta, o que os fez rolar em grande desordem pelo declive e fugir para se abrigarem nos bosques mais proximos, abandonando n'esta fuga as suas boccas de fogo que ficaram em poder dos inglezes.

Das forças que Junot tinha em reserva sahiram duas novas columnas de infantaria e oito peças de artilharia, com o fim de soccorrerem as tropas em retirada e de as ajudarem a reorganisar-se para voltarem ao ataque. Uma das columnas *(Saint-Clair)* avançou sobre o centro e a outra *(Maransin)* sobre a esquerda da collina do *Vimeiro*. Foram recebidas corajosamente pelos defensores, empregando-se os batalhões de reserva, e vindo em seu auxilio parte das forças que estavam para os lados de *Fonte Lima*. Os atacantes viram-se assim entre dois fogos, dirigidos sobre a sua frente e flancos, especialmente pelas baterias de artilharia com fogos convergentes, usando com bom resultado da granada *shrapnell*. Seguiu-se uma renhida lucta corpo a corpo em que se fez um largo emprego da baioneta; por fim os francezes viram-se obrigados a ceder o terreno, recuando para a sua posição inicial.

A cavallaria anglo-lusa, sob o commando do tenente coronel *Taylor*, na diminuta força de 500 cavallos ao todo, sahiu em perseguição dos fugitivos, mas vindo sobre ella a cavallaria franceza (1:500 cavallos) tres vezes superior em numero, teve de retirar, soffrendo uma perda relativamente grande (55 baixas), e trazendo morto o seu proprio commandante.

Só ao findarem estes combates no centro da posição defensiva, é que começaram na esquerda da posição os ataques dos francezes destinados a torneal-a, e estes foram desligados entre si, quer pelas difficuldades encontradas no terreno, quer pela falta de quem dirigisse no seu conjuncto o avanço das duas columnas que foram encarregadas d'essa operação.

A columna que avançou primeiro *(Brenier)*, procurou passar o ribeiro de *Toledo* em frente d'este logar; mas, não o podendo conseguir, recuou e fez um largo rodeio pela *Carrasqueira* e *Pragança*, sobre as alturas na extrema esquerda da *Ventosa*. Entretanto a outra columna *(Solignac)*, conseguiu passar o ribeiro proximo da sua origem, ao norte de *Toledo*, e desenvolveu-se logo em combate para atacar de frente a posição da *Ventosa*.

Os inglezes resistiram aqui tão corajosamente como no *Vimeiro* e a referida columna teve de fugir na direcção de *Pragança*, abandonando tres peças de artilharia. N'esse momento é que avançou a outra columna *(Brenier)*, atacando a *Ventosa* pelo seu flanco esquerdo. Os inglezes mudaram então de frente, contrapondo-lhe cinco batalhões que se bateram denodadamente, até que, vendo o inimigo que sobre o seu flanco direito avançava uma forte columna de seis batalhões (2 de *Crawfurt* e os 4 portuguezes), fugiu tambem precipitadamente na direcção de *Pragança*, perdendo não só as tres peças da outra columna que havia retomado, mas tambem outras tres da sua propria columna.

Era pouco mais de meio dia, e Junot, tendo já exgotado todos os seus meios de acção, comprehendeu que era chegado o momento de ordenar a *retirada geral para Torres Vedras*, d'onde viera. Infelizmente não foi inquietado n'essa retirada, como podia e devia ser, para se tirar todo o fructo d'esse glorioso dia, o que foi devido a influencias extranhas á vontade do general Wellesley.

As perdas dos francezes n'esta batalha, assim terminada, andaram por cerca de 2:000 homens, 13 peças de artilharia, e uma boa parte dos carros de munições e das bagagens. No numero dos prisioneiros contava-se o general Brenier. Os anglo-portuguezes apenas tinham perdido 720 homens, cumprindo notar-se que cerca de 9:000 homens não chegaram a fazer fogo, e que por conseguinte se pode dizer que a acção foi travado entre 13:000 homens do lado da offensiva, e 10:000 homens do lado da defesa, não obstante dispôr esta de uma superioridade numerica, que não foi preciso empenhar, graças á fortaleza natural da sua posição.

Junot parece que ainda pensou em resistir por mais tempo pois chegou a communicar para Lisboa que tinha obtido uma victoria e que no dia seguinte completaria a derrota do inimigo. Entretanto, no proprio dia immediato, o general Kellermann apresentava-se no quartel general do exercito alliado, pedindo uma suspensão de hostilidades, ao passo que Junot marchava para Lisboa onde chegou no dia 23 e onde já pouco se havia de demorar.

No dia 25 a força do exercito inglez foi augmentada com a divisão do general Moore desembarcada na Maceira. Quasi ao mesmo tempo as tropas portuguezas organisadas no Algarve e commanda-

Centenario da guerra Peninsular

COMMEMORAÇÃO DA BATALHA DO VIMEIRO. — *Na estação de Torres Vedras. A camara municipal aguardando a chegada de El-Rei*

Centenario da guerra Peninsular

COMMEMORAÇÃO DA BATALHA DO VIMEIRO. — *Na estação de Torres Vedras. A commissão dos festejos aguardando a chegada de El-Rei*
(Clichés de A. C. Lima).

Centenario da guerra Peninsular

COMMEMORAÇÃO DA BATALHA DO VIMEIRO. — *Padres do Varatojo esperando o Senhor D. Manuel*

das pelo conde de Castro Marim baixavam sobre o Tejo, Bernardim Freire de Andrada com o seu exercito approximava-se da capital e em Santarem alguns soldados portuguezes, sob o mando do general Bacelar, estavam promptos a entrar em acção.

Centenario da guerra Peninsular

COMMEMORAÇÃO DA BATALHA DO VIMEIRO. — *No largo da Camara de Torres Vedras*

(Cliché de Benoliel).

Em vista de todos estes factos Junot viu-se obrigado a acceitar a Convenção de Cintra, negociada entre Kellermann e o general inglez Dalrymple, tão honrosa ainda assim para os francezes que levantou geraes protestos aqui e na propria Inglaterra.

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

LI

Necrologio do café Martinho

Eu não sei quem disse que o habito era uma outra Natureza. Não sei se foi o sr. de Tocqueville, se foi o sr. conselheiro Bastos. Fosse lá quem fosse: qualquer d'elles era muito capaz de produzir esse logar commum, e eu mais capaz ainda de o perfilhar.

Sim, o habito é uma segunda Natureza.

Aqui me teem os senhores com a vida abrindo brecha por um desiquilibrio que n'ella se produziu: este caso pavoroso que ninguem poderia prever e que no entanto se acaba de dar em circumstancias gravosas para a pacatez da minha existencia: o *Martinho* fechou.

Centenario da guerra Peninsular

COMMEMORAÇÃO DA BATALHA DO VIMEIRO. — *O povo nas estradas esperando a passagem de El-Rei*

(Cliché de Benoliel).

Ha muitos annos, muitos, que eu, quer chovesse quer ventasse, ia, das duas para as tres horas da tarde, mascar uma chicara de café ao Martinho. Ia mascar porque não ia beber. E não ia beber porque o café do Martinho nunca foi liquido, mas sim uma especie de caldo de araruta em preto, que um determinado numero de fieis engulia por devoção, por séstro, por vicio, por aquillo que os senhores quizerem — mas que se engulia diariamente com um goso que talvez não tenha egual, com aquella soffreguidão dos pobres ao ingerirem o caldo fumegante com que a caridade fradesca os contemplava á hora do meio dia nas portarias dos conventos.

Eramos muitos em circumstancias perfeitamente eguaes: eu, o actor Gil, o sr. Gualdino Gomes, o grande pintor Antonio Ramalho, o sr. dr. Manuel Penteado, o sr. Fialho de Almeida — muita gente agora orphanada d'essa beberagem que no mundo não tem egual...

Para onde foram os meus companheiros? Eu sei lá!... Se eu não sei de mim desde que o Martinho fechou...

***

«O Martinho, onde os verbosos vão injuriar a patria..», disse Eça de Queiroz pela bocca insidiosa do sr. Theodoro, amanuense do ministerio do Reino e protogonista d'aquelle famoso *Mandarim* que constituiu ha vinte annos uma das nossas melhores leituras.— O Martinho era uma velha loja, sempre velha por mais que a quizessem renovar, serena e sorna, entalada entre predios monstruosos, n'aquelle agitado largo de Camões, gosando de uma reputação que se perdia na nevoa dos Tempos, com a sua atmosphera morna de sacristia, os seus creados automaticos, as suas chicaras de bordo, a sua riquissima baixella toda amolgada por vinte gerações de patriotas berradores, a sua mobilia Imperio... de Carlos Magno, os seus espelhos orvalhados de irreverencias de moscas, parcimonioso em tudo, em comida e em limpeza, em bebida e ar, em commodidades e luz...

Centenario da guerra Peninsular

COMMEMORAÇÃO DA BATALHA DO VIMEIRO. — *Chegada do Senhor D. Manuel ao Vimeiro*

(Cliché de A. C. Lima).

Quando eu o conheci, ha vinte e quatro annos, tinha a menos o papel que ultimamente forrava as suas grossas paredes e os globos foscos de uma illuminação electrica que vingava horrivelmente a velha illuminação amarellenta do gaz. Então, como agora, o serviço era o mesmo, os creados os mesmos, a baixella e o mobiliario os mesmos. E, sempre a um canto, ao lado do balcão, o mesmo Julião, proprietario conservador, percorrendo com os olhos moles a mesma assistencia, ás mesmas mezas, tomando as mesmas coisas, com o ar de quem cumpria uma promessa a um santo da sua devoção.

***

Por alli passaram gerações de politicos, de litteratos, de artistas e de simples más-linguas. Antigamente, sem tres annos de Martinho não se era conhecido nas côrtes, no jornalismo, no mundo, emfim. O Martinho fazia reputações: os homens de espirito eram productos do Martinho, como se fossem confeccionados lá dentro pelo gallego que grelhava os bifes. Cinco annos de Martinho, com frequencia regular e applicação, lançavam um homem na vida em melhores condições de exito que a Universidade de Coimbra.

— Quem é aquelle sujeito com um vidro no olho direito?

— Não sei. Vae todas as noites ao Martinho.

Os dois descobriam-se immediata e reverentemente.

— E' um homem de talento!

— Pudera! Se te digo que vae ao Martinho todas as noites!

Era assim mesmo. Quantas vezes eu disse com os meus botões: — hei de comer tantos bifes n'este Martinho que me hão de abrir as portas da Academia Real das Sciencias! E se o Julião não trespassa o botequim talvez a estas horas eu abichasse as palmas academicas e não tivesse um unico dente. Porque os bifes do Martinho eram uma excellente recommendação mas davam cabo da dentuça mais resis-

tente. Turvam-se-me os olhos de pranto ao lembrar-me d'elles: muito grandes, muito duros, afogados em manteiga, delgadissimos de um lado, grossos do outro. Dir-se-iam bifes de salto de prateleira. O velho Valentim, o celebre Valentim do nariz, que foi o gallego mais interessante que Lisboa conheceu, affirmava com convicção que quem comesse um bife do Martinho não poderia comer mais cousa alguma nas vinte e quatro horas seguintes. E era verdade. Não porque a gente ficasse a abarrotar, mas porque as mandibulas ficavam em tal estado que era impossivel exigir-lhes qualquer esforço não lhe tendo dado um repouso absoluto durante muitas horas.

E as chicaras? Oh, as chicaras do Martinho. Feias, enormes, grossas, pesadissimas! Entrava-se no Martinho com appetite e pedia-se o bife, naturalmente para saciar esse appetite. Mas se succedia o creado pôr deante de nós a chicara por que deviamos tomar o chá, a visão de tal monstro punha-nos um nó na garganta. Ia-se a vontade. Mas ao cabo de uns momentos de reflexão, com um grande suspiro, dizia a gente de si para si: — Vamos lá, não ha remedio senão tragal-o. Preciso comer este bife afim de ganhar forças... para levantar aquella chicara!

***

Mas, meu Deus! como todas estas coisas más eram boas! Que remanço das manhãs assoalhadas se passavam n'esse botequim famoso sem se saber porque!... Que saudade! que torturante saudade!...

E pensar que nunca mais o verei aberto como elle era, para me receber com as suas cadeiras incommodas e o seu serviço insupportavel! E dizer que nunca mais verei na mezinha do centro meu velho primo e amigo Alberto Telles cumprindo a pena maxima de trinta annos a chá preto e torradas, com a sua luneta azul, o seu guarda-sol, o seu *cache-nez*. O sr. Gualdino Gomes quebrando a casca dos seus ovos quentes com o cabo da colher e lançando seu olho ironico, através do feroz monoculo que é o terror de Lisboa, sobre o artigo edictorial do *Jornal do Commercio*, lá ao fundo, longe do mundo, que detesta. E o sr. dr. Evaristo Brandão com o casacão pelos hombros, sorvendo a golinhos o seu calice de cognac, inteirando-se da politica europeia pela leitura dos jornaes de Paris. E a apparição do sr. dr. Brito Camacho, que ninguem sentia andar mercê das suas galochas de borracha. E sentado deante da escrevaninha com os olhos fitos sobre dezenas de quartos de papel, o sr. Fialho de Almeida passando traços e traços de penna sobre o seu eterno artigo, consultando constantemente o relogio, não lhe ficasse por inutilisar alguma linha escripta no dia antecedente... E o sr. padre Silva chegando á porta e assestando a luneta e não entrando...

Nunca mais! nunca mais!...

***

Dentro de dois mezes a casa reabrirá, mas essa abertura não importará o resurgimento do Martinho. Porque não se concebe Martinho com mobilia nova, com serviços novos, com jantar por lista, com luxo, com conforto, com chic. O Martinho só poderá reabrir mantendo a sua tradição bafienta de coisa improgressiva. Renovado de cima a baixo, podem chamar-lhe Pedro, Paulo, Sancho — nunca Martinho.

O Martinho morreu — e esse foi o unico caso da quinzena digno de registo n'esta pagina. Morreu exactamente á hora a que nascia a Feira de Agosto, que está sendo o orgulho não só da edilidade lisbonense, que lhe deu o ser, como o de muito boa gente que a considera a oitava maravilha do mundo.

A mania d'esta gente — estragar tudo!

CAMARA LIMA.

(*Cliché* de Benoliel).

Centenario da guerra Peninsular

COMMEMORAÇÃO DA BATALHA DO VIMEIRO. — *No Vimeiro — Pavilhão onde El-Rei recebeu os cumprimentos da camara municipal da Lourinhã*

Como se exprimem os cavallos

As orelhas são o orgão que melhor revella as intenções do cavallo.

Quando as tem avançadas denotam attenção; se as agita desigualmente inquietação; se as mantem para traz medo, intenção de atacar ou de defender-se, escouceando ou mordendo, direitas e tranquillas, animação, vida, confiança e valor; cahidas e pesadas demonstram pouco sangue, debilidade e estupidez.

Destinguem-se os cavallos surdos pelo pouco que movem os olhos; pelo contrario tem-os em perpetuo movimento e indecisão os que teem má vista.

Ajudam a comprehender as intenções do cavallo os movimentos e a collocação da cauda. Mantida alta e bem arqueada é signal de força, sangue e nobreza. Cahida e pouco movida, indica debilidade, velhice ou tristeza.

Tão certos são estes signaes, que os alquilés e os ciganos se aproveitam d'elles para enganar os incautos, fazendo uma operação, que consiste em cortar os musculos que servem aos cavallos para baixar a cauda, com o que conseguem que o animal assim operado tenha esse appendice constantemente levantado. A isto chamam elles inglezar um cavallo. Completam a expressão do animal, os olhos, conforme sejam vivos ou apagados, e as ventas, com a sua mobilidade extraordinaria, e cuja largura corresponde exactamente á maior ou menor amplitude do peito.

A relação, que guardam nos movimentos todas estas partes, faz com que um observador possa, pelo seu estudo, conhecer facilmente até as mais pequenas intenções do nobre animal.

Trecho pagão

Do formoso livro VERSOS *recentemente publicado*

Excerpto de uma carta

....
. ...

Atheu, minha Senhora, atheu não ha ninguem!
Ama-se a luz e a vida ou tem-se amor a alguem
E amar é ter um deus! Ora, minha Senhora,
Não ha coisa mais bella ou mais commovedora,
E nem mais racional do que o amor pagão:
— O amor que adora o Sol que amadurece o pão!
Amor que faz conter n'um raio de luar
A emanação de um deus, sem velas nem altar,
Cheio de luz, de sol, de bençãos e perdão
— Um deus com rouxinoes em vez de cantochão! —
Amor que traz na testa o stygma de tangivel
Que acceita o natural e néga o impossivel
E em vez de um Deus sentado, o mundo sobre a mão,
De barbas côr de neve e modos de ancião,
Acclama o Sol que vem fecundadoramente,
N'uma explosão de luz, n'um grande abraço quente,
Cantar a claridade, abrir sobre o torrão
Um seio de magia e de germinação!...

....

E V. Ex.ª ri, eu sei, minha Senhora,
Quando eu lhe relatar que ha gente encantadora
Que adora o Sol fecundo, o bello Sol amavel,
Solemne, salutar, sereno e confortavel.
Não tem incenso a arder em rôlos pelo ar,
Nem dogmas sobre a fé, nem cirios a gastar
A cera do altar. E' um bom deus modesto,
Trabalhador pontual e cumpridor honesto,
Um deus sem pretensões que bebe pelas fontes
E gira pelo mar e dorme pelos montes;
Sympathico e divino, humanitario, egual,
Um deus que não conhece a distincção social
E vem em cada dia alcandoradamente,
Bailar sobre a choupana um claro riso ardente
— Um riso d'oiro em pó que alastra em todo o espaço
E cinge o mundo inteiro á curva de um abraço!

....

Visão que nos prendeu a vida até morrer,
Estrella que reluz ou fórma de mulher
Qu'importa para o caso? A gente ajoelhada
Acceita mais a ideia assim concretisada
N'um sonho feito luz, n'um sol que resplandece
E que abençôa o mundo .. e o ama... e o aquece...
Ou na mulher que sabe a fórma de juntar
Um gesto harmonioso á graça de um olhar
N'um simples encolher dos hombros indifferente!...
Werther morreu de amor, morreu soberbamente.
— Segundo ouvi dizer, não foi canonisado
Por não haver no céo nem um logar vagado —.
Mas foi no amor heroe e procurou a morte
Por vêr que não podia um dia ter a sorte
De ter juntos dos seus os labios da mulher
Por quem perdeu a vida á magoa de os não ter.

....
....

O amor é toda a vida unida e consagrada
A' sorte de um encontro, á vista alvoroçada
Na luz de certo olhar. O amor é um desejo
Sereno como a honra e casto como um beijo.
O amor é vêr chegar a luz de uma alvorada
Depois de andar perdido á beira de uma estrada;
Esp'rança, desespero e meiga adoração,
E', ter um deus a rir no proprio coração.
O amor é confundir, na febre do delirio,
O riso com a dôr. O amor é um martyrio
Que os olhos nos cegou e os deixa alanceados
N'um céo que se obscurece ás vezes por bocados
E volta novamente e encontra sempre fitos
Os mesmos olhos bons, cançados e afflictos!...
O amor é não poder e continuar a andar,
E' ter na mão o mundo e dal-o a desvairar
P'la bôcca entreaberta a rir festivamente,
Como se fosse o mesmo, indifferentemente!...

....
....

O amor é todo o bem e todo o desfavor,
Ter vida é ter um deus, ter deus é ter amor!

Lourenço do Casal Ribeiro de Carvalho.

Prophetas de penna e pello

PODE ser-se socio de meia duzia de academias, e saber-se mais que Salomão; porém, qualquer passarinho ou qualquer outro animalzito do campo sabe mais do que qualquer d'esses, ácêrca do porvir.

Vae soprar vento forte? Muito antes do thermómetro descer, vêr-se-ha as aves maritimas voando em bandos para terra; os passaros das terras altas buscando o abrigo dos bosques, e todos os animaesinhos pequenos preparando-se para a chegada do mau tempo. Como o conhecem? Não ha naturalista que saiba dizel-o.

Os ratos dos campos sabem muito. No outomno, antes de começar o tempo frio, lavram os seus quarteis de inverno debaixo da herva, e forram-os com feno e com pello. Preferem estar muito proximo da superficie, para terem mais facilidade de respirar; porém se o inverno vae ser duro, sabem-o, e fazem as suas galerias a profundidade dupla da normal. Isto é infallivel.

Algumas vezes o mar tem marés muito altas no inverno, e d'isso sabem alguma cousa os moradores das praias. N'um dos invernos mais rigorosos dos ultimos annos houve em grande parte das costas do Atlantico grandes marés; os coelhos, as lebres, as ratazanas de agua e todos os animaes, que viviam na costa, fugiram para as terras altas um ou dois dias antes.

As grandes marés foram então produzidas por uma extranha coincidencia na direcção dos ventos. Na Inglaterra, houve grandissimas extenções de terreno inundadas, e os caçadores admiraram-se muito, por vêrem a ausencia absoluta de caça dois dias antes de occorrer o phenómeno.

No outomno, quando as aves que costumam emigrar se reunem em grandes bandos, os insectos, que formam o seu principal alimento escondem-se. Os entomólogos sabem que o mez de agosto, e parte de setembro, são os peores para augmentarem as suas collecções. Os insectos occultam-se debaixo das pedras ou nas rugosidades da casca das arvores, e não tornam a sahir, senão quando o exercito devorador e alado tem desapparecido.

Os esquilos armazenam grande quantidade de sementes, avelãs, etc., antes de chegarem os frios, para se alimentarem no inverno; mas se o tempo vae ser muito áspero, preferem armazenar algumas classes especiaes de sementes, por exemplo, as que são mais alimenticias e mais gôrdas. Ha, todavia, uma d'estas, a da faia, que se estraga com as grandes nevadas; a esta expulsam-a das suas provisões de inverno, quando sabem que vae fazer muito frio.

Por ultimo, é bem sabido que as ratazanas e as baratas abundam nos navios, sobretudo sendo estes de madeira; mas abandonam-o logo que descobrem, que a embarcação tem algum defeito que a póde fazer sossobrar. Ainda que só se trate de não estarem muito seguras algumas partes da madeira, basta isso para que, tão depressa se chegue a terra, os ratos e as baratas emigrem immediatamente.

O medico ao doente:
— Então, que vem a ser isso? Tem agora outra doença?
— Assim parece. Succede-me isto, sempre que mudo de medico.

Marquez de Tancos

Um dos novos pares do reino

Cartazes premiados

ela concepção artistica, pelo primor do desenho e pela execução *réussie,* obtiveram os primeiros premios, no concurso para cartazes ha pouco aberto pela Empreza da *Agua das Lombadas,* os tres quadros que a photogravura fielmente reproduz hoje n'esta pagina. Alcançou o primeiro premio o sr. Constantino Fernandes, o segundo o sr. Julio Teixeira Bastos e o terceiro a sr.ª D. Maria Kebe de Carvalho Gonçalves. Para verificar a justiça da classificação basta examinar os quadros premiados.

D'esta fórma a acreditada Empreza prestou dois serviços: a si propria e á arte. Achou a mais suggestiva fórma de chamar a attenção para as suas aguas, que tamanha vulgarisação conseguiram ter, e, com a sua iniciativa, poz em fóco o merito de tres verdadeiros artistas.

Cartazes premiados. — *2.º premio*

Cartazes premiados. — *1.º premio*

Cartazes premiados. — *3.º premio*